

Ao redor, em redor, em volta, em torno, em derredor: andar ao redor

James Miyamoto, Lídia Quieto, Marcio Cotrim e Tomas Moreira

A edição número 13 da revista *Thésis* chega até o leitor com o título/tema, *Ao redor dos objetos*. Os textos e ilustrações aqui apresentados tratam da cidade, da paisagem e da memória, e concentram-se fora dos limites do objeto arquitetônico. A locução adverbial “ao redor” ganha uma interpretação múltipla, quase alegórica: de território que circunda e atribui significado, de texto e contexto, noção de lugar, assim como de movimento, de andar ao redor, por entre. Sua publicação marca também o momento em que voltamos a sair de nossas casas e pudemos, novamente, circular entre, em cima, através, ao lado, frente a frente, justapostos, atravessados pela possibilidade do encontro.

A possibilidade de se mover, como ato cotidiano, deliberado porém quase inconsciente, devolve às cidades o que lhes é intrínseco natural, tal como sugere **Tonino Griffero** em seu **The atmospheric skin of the city**, traduzido por **Ethel Pinheiro** para a sessão Arquivo. Griffero aborda a presença e o encontro em tempos de atmosferas mais coloridas na cidade, de vida, música, arte, e histórias. É exatamente essa atmosfera que a capa desta edição, de autoria de **Lídia Quieto**, busca captar. A colagem que a compõe se constrói do encontro entre a obra da arquiteta **Amine Barbuda** e a do designer **Marcelo Gemmal**, que gentilmente ofereceram seus olhares e expressões de cidades para a sessão Passagens deste

Outra colagem — de autoria de Lídia Quieto — abre a sessão Recensão, na qual **Cibele Saliba Rizek** lê a **Sociedade do Cansaço** de **Byung-Chul Han**, e se concentra na “noção mesma de liberdade se transforma em coação” conduzindo sujeitos ao limite da auto-destruição na concorrência consigo mesmo. Um ser social livre que responde centralmente a si mesmo, mas nem por isso menos regulado, observado ou cobrado. A composição da colagem se ambienta nas

caóticas, lotadas e complexas cidades contemporâneas que são também uma metáfora dos fluxos incessantes da congestão. A exaustão de ser, contra si mesmo, resultado da iconoclastia massificadora, sufocado de informação, de formas-imagem.

O texto que abre a sessão **Ensaio, Cidades novas de papel: da intenção a não realização, de autoria** de Ricardo Trevisan, deposita o olhar sobre projetos de cidades elaborados por arquitetos do calado de Lucio Costa, Niemeyer e Paulo Mendes da Rocha, mas que por diferentes motivos, ficaram à margem da historiografia e nunca saíram do papel. Em **Patrimônio cultural em territórios metropolitanos: novos aportes para sua compreensão**, de Maria Cristina da Silva Schicchi, as escalas tradicionais do patrimônio cultural são ampliadas para a do território, no caso a Região Metropolitana de Campinas, o que permitiu a explorar a hipótese de que “de que a compreensão de um conjunto de cidades alinhadas por vetores de crescimento e expansão da região, historicamente constituídos, possibilitariam novas perspectivas para a discussão do patrimônio cultural.” Ainda em uma escala ampliada, outros três trabalhos se dedicam à questão ambiental: **Políticas públicas para regiões mineadoras: etapa pós fechamento das minas**, cujos autores, Tainara Augusto, Marcela Almeida e Filomena Bomfim, apresentam uma revisão legal sobre as políticas públicas relacionadas à mineração no Brasil, com maior especificidade ao estado de Minas Gerais, para identificar potencialidades e fragilidades da legislação atual em preparar os municípios para lidarem com a etapa pós-mineração e os caminhos para modalidades mais sustentáveis de desenvolvimento econômico e social nessas regiões; **Janelas para o rio na “nova” Cidade Velha: uma análise sobre os usos do Parque Naturalístico Mangal das Garças e do Portal da Amazônia**, de autoria de Sidney Costa Filho, Cybelle Salvador Miranda e Luiz de Jesus Dias da Silva, objetiva refletir a respeito da percepção de usuários e moradores vizinhos a dois grandes projetos em Belém, Pará: Parque Naturalístico Mangal das Garças e o Portal da Amazônia (Orla de Belém), contribuindo para o reconhecimento da ocupação e utilização destes locais bem como do papel desempenhado pelos referidos espaços na vida de tais indivíduos; **Reflexão sobre a significação da água no espaço urbano de Macapá - AP**, de autoria de Camila Barbosa, que traz a reflexão sobre a produção do espaço urbano na cidade de Macapá, Amapá, e das significações construídas na região amazônica, com destaque para a presença protagonista do rio Amazonas. Outro conjunto possível revela três abordagens distintas

sobre a arquitetura moderna brasileira: **Os projetos do arquiteto Rino Levi para o Centro Cívico da cidade universitária Armando Salles Oliveira em São Paulo**, de Bruno Rossi e Ana Maria Reis de Góes Monteiro, se debruça cuidadosamente sobre uma obra de um arquiteto consagrado, como Rino Levi; enquanto a **Produção arquitetônica de Milton Monte em conexão com o lugar amazônico**, de Hugo Arraes e Ana Kláudia de Almeida Viana Perdigão, trata de um arquiteto muito menos prestigiado pela historiografia, Milton Monte, falecido aos 84 anos em 2012, mas cuja produção, fortemente ancorada nas condições naturais e técnicas da região amazônica, tensiona as pré-definições de arquitetura moderna brasileira; Kelen Gracielle Ferreira e Ana Maria Reis de Góes Monteiro apresentam um olhar inusitado e radical em **A Economia Doméstica e a contribuição feminina na Arquitetura Moderna**, a partir do qual atestam que o trabalho precursor das mulheres com arquitetura, foi iniciado muito antes de elas começarem a ser efetivamente chamadas de arquitetas. Segundo as autoras, as mulheres, conhecedoras do trabalho no ambiente doméstico, demonstraram através de comprovação científica e conceitos tayloristas, o quanto o desperdício de tempo causado por um projeto mal resolvido poderia afetar seu cotidiano e o bem-estar da família e conseqüentemente a economia do país. Finalmente, em **Trabalho, receituário e alienação na arquitetura: apontamentos críticos à prática do arquiteto**, Eric Crevels aponta que ao se valorizar o receituário técnico-estético dos arquitetos e urbanistas, supostamente os únicos agentes legitimados para pensar o espaço, promove-se a ideia de que pessoas comuns são incapazes de compreender, planejar, construir e gerir o próprio espaço (seja público ou privado). Por uma outra perspectiva, o autor destaca que a prática do arquiteto contribui para a alienação e exploração do trabalho dos operários da construção civil em detrimento de uma dialética corpo-habilidade que poderia aproximar indivíduo e sociedade.

